

**ANÁLISE DO DISCURSO E O DISCURSO NEONAZISTA: UMA
ANÁLISE SOBRE OS PROCESSOS DISCURSIVOS ELENCADOS EM
SITES DE CUNHO NEONAZISTA**

Camila Fonseca MATHIAS

João Roberto BORT JR.

Manoela Ramalho DIAS

(Orientadora): Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi-Fontana

RESUMO: O propósito deste trabalho é o de analisar o funcionamento das regularidades do discurso neonazista em duas comunidades do site de relacionamentos “Orkut” intituladas respectivamente: “Liberdade Branca” e “Orgulho Branco” e o site “Aliança Nacional”.

O foco da nossa análise se baseia na tentativa de perceber em que medida a formulação e a constituição do discurso neonazista resgata, através da memória, elementos já contidos no discurso nazista da Alemanha Nacional-Socialista. Para isso, este estudo contemplará os efeitos-leitor (constituição, formulação e circulação dos sentidos) e a função sujeito-autor (investigados por Orlandi), além dos procedimentos de controle do discurso e as condições de produção. Ressaltamos algumas considerações sobre memória discursiva, a encenação e por fim, sobre as formações discursivas e imaginárias propostas por Pêcheux.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Nazismo.

Delimitação do Corpus

Sabe-se que em Análise do Discurso, a composição de um corpus é inesgotável. Isso ocorre, porque por definição todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes.

O objeto discursivo não é dado, uma vez que é preciso converter a superfície lingüística (o corpus bruto), o dado empírico de um discurso concreto em um objeto teórico, ou seja, um objeto lingüisticamente produzido por uma abordagem analítica. O ponto de partida é compreender como um objeto simbólico produz sentidos.

Primeiramente, refletimos sobre a configuração do *corpus*, isto é, pensamos acerca do processo de seleção do material a ser utilizado para a análise. O processo de delimitação do *corpus* foi bem dinâmico. Coletamos uma

quantidade grande de dados de fontes variadas: charges, sites estrangeiros, fóruns de discussão. No entanto, sentimos a necessidade de delimitar a análise a apenas parte do material coletado, pois algumas das fontes eram em língua inglesa, o que poderia dificultar o estudo mais aprofundado dos discursos. Percebemos, com esse primeiro trabalho de recorte e coleta, que é de extrema importância o delineamento dos limites dos materiais e o posterior recorte dos possíveis dados encontrados para análise.

Dentre os textos relacionados ao caso do neonazismo, destacamos o seguinte material: duas comunidades do “Orkut”: “Liberdade Branca” e “Orgulho Branco”. Além disso, selecionamos também um site da Aliança Nacional, uma rede global que interliga neonazistas de diversos países, como já foi anteriormente especificado.

O Site “National Alliance” e a Questão da Circulação

Antes de ser iniciada a interpretação das inúmeras marcas lingüísticas presentes no texto, é interessante descrever a maneira como as notícias são divulgadas no site referente à “National Alliance”, www.natvan.com/portuguese/what-is-na/na1.html.

Levantamos a questão sobre a regulamentação e censura da opinião publicada na internet. Ressaltamos estes tópicos, porque tivemos dificuldade em abrir este site, uma vez que, se trata de um lugar onde existem inúmeras formações ideológicas neonazistas, isto é, onde havia um conjunto de representações e idéias que revelam a compreensão que a classe dos seguidores do neonazismo tem acerca do mundo. Portanto, essa formação ideológica impõe o lugar de pensar daqueles que seguem este ponto de vista a respeito do mundo. Não nos interessa aqui a “verdadeira” posição ideológica do enunciador real, mas sim, as visões de mundo dos enunciadores inscritos no discurso. Entendemos posteriormente que essas dificuldades em abrir o site estavam diretamente relacionadas à questão da proibição da veiculação de sites neonazistas pela legislação brasileira. Observamos também, que este site encontra-se hospedado nos Estados Unidos e protegido pela Constituição Americana.

O discurso acerca da censura e/ou regulamentação de conteúdos na internet conhece e envolve substancialmente dois conjuntos de atores, a saber, o Estado, de um lado, e, do outro, a sociedade civil – dois dos temas fundamentais da teoria política. Por conseqüência, o problema não consiste apenas no fato de o objeto da disputa ser igualmente a opinião *política*, nem tampouco apenas no fato de que a contenda há de se resolver *politicamente* no eixo “Estado – sociedade civil”, mas se trata também da regulamentação da disputa política em rede.

Análise das Marcas Lingüísticas

Uma vez definido o corpus e já tendo uma pergunta sobre a qual desenvolver a análise, começamos uma leitura dos textos, com o intuito de identificar possíveis regularidades que fornecessem unidade ao material coletado. De início, percebemos a frequência de palavras e expressões (natureza, genética, pré-disposição, evolução, etc.) que resgatavam os mesmos elementos utilizados pelas teorias pseudocientíficas do século XIX (que pretendiam justificar o imperialismo tomando como base as idéias desenvolvidas por Darwin).

A utilização dessas marcas lexicais ainda se relaciona com a presença freqüente de termos como: fatos, realidade, cientificamente comprovado, etc. Podemos supor que essas marcas estejam vinculadas à imposição de um regime de verdade pela ciência. Os membros das comunidades do orkut e do site da Aliança Nacional buscam embasar suas afirmações com fatos científicos (ou, às vezes, supostamente científicos) na tentativa de adquirir alguma credibilidade.

Abaixo, encontram-se listadas as regularidades identificadas nos textos em questão:

1. Formações imaginárias e antecipações (em relação aos brancos e aos não-brancos).
2. Racismo e nacionalidade: o que é ser brasileiro?
3. Funcionamento dos pronomes e artigos: formações imaginárias e construção de um efeito-leitor ambíguo.
4. Frequência na utilização de construções negativas (os não-brancos, os não-europeus).
5. Utilização da memória discursiva para legitimar e ressaltar a superioridade branca.
6. Utilização recorrente de termos que remetem ao regime de verdade imposto pela ciência (fatos, realidade, genética, comprovação científica).
7. Utilização freqüente do recurso narrativo para ilustrar casos que justificam a superioridade branca.
8. Contraposição entre orgulho/ neonazismo. “Por que eles podem e nós não?”

Uma das questões mais interessantes levantadas pela análise foi a contraposição entre o orgulho branco e o neonazismo. Será que haveria uma distinção fundamental entre os dois? Ou estariam se referindo às mesmas questões e construindo significados iguais?

No perfil das comunidades do orkut havia uma preocupação constante de se definirem como defensores do orgulho branco e não do neonazismo. Tendo

como base o material coletado em um site neonazista, iniciamos um processo comparativo entre as marcas lingüísticas e entre as construções frasais e estruturais utilizadas no site e nas comunidades do orkut. As escolhas lexicais, a constituição das idéias dentro do discurso e a retomada constante de elementos da memória discursiva revelam que há uma identificação muito grande entre as comunidades de orgulho branco e o site neonazista.

A lista dos tópicos das comunidades apontava para essa equivalência, pois na relação de assuntos discutidos pelos membros das comunidades, a maioria se prendia às questões raciais, de reafirmação da superioridade branca e de uma pré-determinação natural para algumas raças evoluírem e outras permanecerem estagnadas. Muito pouco (ou nada) se via sobre tópicos que discutissem o resgate de tradições culturais ou o convívio pacífico entre as diferentes etnias, cada qual consciente de seu valor para a beleza do mundo. Pelo contrário, os argumentos sempre tendiam a inferiorizar o outro e a buscar justificativas para o racismo. Ou seja, o branco não aparece se definindo como superior apenas por “ser quem é”; ele se constrói como superior partindo de uma comparação assimétrica com o outro, na tentativa de fornecer ainda mais credibilidade para suas afirmações (suposições).

Assim, consideramos como hipótese a ser levantada que as comunidades de orgulho branco e o site neonazista estão contidos dentro de uma mesma formação discursiva, que poderíamos denominar de racista, em sentido geral. Neste sentido, podemos afirmar que dentro dessa formação racista é possível ocupar diferentes posições-sujeito, que apesar de estarem em relação de aliança umas com as outras, interligadas por um embasamento ideológico comum, intervêm no real de formas distintas, estabelecendo relações singulares entre autor e efeito produzido. Fica evidente, portanto, que as formações discursivas não funcionam como um todo homogêneo e isolado. Elas possuem fronteiras instáveis e estão em constante relação com o discurso produzido a partir de outros lugares de interpretação.

As condições de produção desempenham um papel de fundamental importância para a melhor compreensão desse movimento da posição-sujeito dentro de uma formação discursiva. Quando enuncia, o autor se coloca dentro determinadas condições de produção, que estabelecem os limites e as possibilidades do seu dizer. Essas limitações podem ser estabelecidas, no caso das comunidades do orkut, por exemplo, pela existência de uma lei de circulação nacional, que determina o tipo de conteúdo que pode ser veiculado em meios eletrônicos. Portanto, a ênfase concedida à auto-definição das comunidades como defensoras do orgulho branco pode ser uma forma de “adaptar-se” às possibilidades de circulação que são impostas pela lei. Controlar as formas de enunciação do discurso é, assim, um meio de garantir a permanência da comunidade na web.

Já no caso do site neonazista a situação é outra. O site faz parte de uma rede mundial de páginas da web com tradução em várias línguas, mas todas elas utilizam um servidor dos EUA e, portanto, estão submetidas a condições de produção bem diferentes. A legislação para a circulação digital norte-americana permite a divulgação de conteúdos que, no Brasil, seriam proibidos.

Também podemos propor que as condições de produção criam um efeito interessante sobre o funcionamento da autoria nos sites do orkut. Da mesma forma que os comentários racistas parecem ser “camuflados” pelo orgulho branco, os autores também escondem sua identidade através de postagens anônimas. Vale destacar que os comentários dos anônimos correspondiam sempre aos argumentos mais radicais sobre a pureza e a superioridade brancas. Assim, o anonimato da autoria de muitos comentários gerava expectativas ainda mais intensas em relação do lugar de dizer. Portanto, o anonimato também funciona como um princípio de agrupamento, que fornece unidade temática e constitutiva ao discurso e reafirma o papel da autoria como instrumento de identificação dos enunciados.

É interessante notar que as leis de circulação eletrônica funcionam como instrumentos de controle do discurso, da forma que são descritos por Foucault em seu livro *A Ordem do Discurso*. Para Foucault, o discurso constitui um acontecimento aleatório, submetido ao acaso e à maleabilidade das circunstâncias. Ele encerra em si poderes e perigos, e por isso é preciso que sejam estabelecidos certos procedimentos de controle que organizem o fluxo de sentidos em um determinado curso, aceitável para a sociedade. No caso que está sendo analisado, por exemplo, o tabu constitui um procedimento de controle externo para os discursos divulgados nas comunidades do orkut. O racismo (especialmente em sua forma mais extrema, o neonazismo) é tido como um tabu pela sociedade brasileira; é o tipo de discurso que está interdito, que não pode ser dito por ser contrário à própria ideologia sobre a qual a “identidade brasileira” procura se assentar: a miscigenação e a “democracia racial”.

Conclusão

Para concluir, podemos sugerir algumas considerações finais em relação às formações discursivas e às posições-sujeitos identificadas no material coletado. Como já foi apontado, dentro de uma mesma formação discursiva (que funciona como matriz de sentido) genericamente denominada de racista, é possível identificar mais de uma posição-sujeito que pode ser ocupada, a depender das condições de produção que delimitam as possibilidades de dizer do lugar do enunciatador. No corpus apresentado há duas posições-sujeito que se destacam dentro dessa formação discursiva: a primeira delas está interligada às condições ideológicas e materiais que constituem a realidade brasileira. Ela está, por isso,

condicionada a uma visão relativizada de raça e pureza, que se constrói a partir do contato que se estabelece com o discurso do outro (Brasil: país da mistura). Já a segunda posição-sujeito já assume uma conotação mais radical, que resgata posturas ideológicas mais próximas do discurso nazista. É esta posição que podemos, propriamente, chamar de neonazista, pelo vínculo estreito que mantém com enunciados anteriores, esquematizados por Hitler. Assim, a imagem do referente (racismo) muda em função da posição sujeito ocupada. A posição dominante em termos de produção de evidência, como também já foi mostrado nas análises anteriores, é a naturalização dos fatos. A ciência é utilizada de forma recorrente para embasar as informações fornecidas e para criar efeitos de sustentação que legitimem as concepções pré-construídas que determinam o lugar a partir do qual se enuncia.

Por fim, o corpus constitui um todo dinâmico, em constante processo de constituição e formulação de sentidos e efeitos sobre si e sobre o que o cerca. Assim, a análise do corpus coletado corresponde apenas à análise de um estado do discurso, que leva em consideração as condições de produção em que o processo discursivo se encontra. O interdiscurso sempre mantém a possibilidade de novos dizeres, de novas discursividades. Portanto, a análise não deve ser tomada como definição inalterável dos sentidos produzidos em uma formação discursiva, mas como representação de um estado historicamente determinado do discurso que pode se alterar com o tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUTHIER-REVUZ, J. (1998). *Palavras Incertas: as não coincidências do dizer*. Trad: Cláudia R. Castellanos Pfeiffer et alli. Campinas: Editora da Unicamp.
- BRANDÃO, H. H. N. (1995). *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- FIORIN, J. L. (1988). *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, série Princípios.
- FOUCAULT, M. (1996). *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. *O que é um autor?* (1992). Trad. Antonio Fernandes Cascais e Eduardo Costa. Vega: Passagens.
- GREGOLIN, M. R. (2004). *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Clara Luz.
- MUSSALIN, F. (2003). *Análise do Discurso*. In: Mussalin, F. e Bentes, A.C. (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora.
- PÊCHEUX, M. (1969). *Análise Automática do Discurso*. Trad. Eni P. de Orlandi. Em F. Gadet & T. Hak (orgs) *Por uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp.
- ORLANDI, E. *Discurso e Leitura*. (1988). São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp.

- _____. *Interpretação. (1996). A autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.* São Paulo: Vozes.
- _____. *Análise do discurso. (1999). Princípios e procedimentos.* Campinas: Pontes.
- _____. *Discurso e texto. (2001).* Campinas: Pontes.